



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0243/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 07/09/2025

Vice-ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita se encontra com chefe da UNRWA no Cairo



Waleed Elkhoreiji (à direita) conversa com Phillipe Lazzarini no Cairo.

O Vice-ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Waleed Elkhoreiji, reuniu-se recentemente com Phillipe Lazzarini, comissário-geral da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina, no Egipto. A reunião ocorreu à margem da 164ª sessão do Conselho da Liga Árabe para ministros das Relações Exteriores, na qual o conselho emitiu uma resolução apoiando a segurança regional, condenando as ameaças à soberania dos estados árabes e pedindo o fim da ocupação israelense de terras árabes.

Elkhoreiji e Lazzarini revisaram a cooperação entre o Reino e a UNRWA e discutiram os actuais desenvolvimentos regionais e internacionais, informou a Agência de Imprensa Saudita. Separadamente, Elkhoreiji se reuniu com o ministro das Relações Exteriores da Mauritânia, Mohamed Salem Merzoug, para discutir as relações bilaterais, os desafios regionais e globais e os esforços contínuos para enfrentá-los. **Fonte-Arab News.**

Esforços de caridade sauditas alcançam milhões em todo o mundo



Os projectos KSrelief ajudaram milhões de pessoas no Iêmen, Palestina, Síria, Sudão e Somália.

O Reino da Arábia Saudita destacou seus esforços humanitários em todo o mundo ao marcar o Dia Internacional da Caridade, uma iniciativa da ONU que promove a responsabilidade social, o voluntariado e o papel das instituições de caridade no fornecimento de ajuda e apoio às comunidades.

O Centro Nacional para o Sector Sem Fins Lucrativos desempenha um papel fundamental na regulamentação e supervisão do sector, de acordo com a Agência de Imprensa Saudita. O objectivo é apoiar as operações do sector e ajudar a atingir metas alinhadas com a Visão Saudita 2030, incluindo aumentar a contribuição do sector sem fins lucrativos para a economia nacional para 5% e aumentar o número de voluntários para 1 milhão até 2030. O trabalho de caridade é um pilar da solidariedade social, e o Reino tem contribuído para os esforços humanitários em todo o mundo. A Assembleia Geral da ONU em 2012 designou o dia 5 de setembro como o Dia Internacional da Caridade para aumentar a conscientização e incentivar a participação em actividades de caridade. As organizações de caridade sauditas fornecem diversos serviços, desde assistência médica e habitacional até programas de treinamento vocacional que ajudam os jovens a se tornarem autossuficientes, reflectindo o alcance do sector em todo o Reino. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita prende 20.882 ilegais em uma semana



Suspeitas de violações podem ser relatadas no número gratuito 911 nas regiões de Meca e Riade, e 999 ou 996 em outras regiões do Reino.

As autoridades sauditas prenderam 20.882 pessoas em uma semana por violarem os regulamentos de residência, trabalho e segurança de fronteira, informou ontem sábado a Agência de Imprensa Saudita. Um total de 12.975 pessoas foram presas por violações das leis de residência, enquanto 4.185 foram detidas por tentativas ilegais de travessia

de fronteira e outras 3.722 por questões trabalhistas. O Ministério do Interior disse que qualquer pessoa que esteja facilitando a entrada ilegal no Reino, incluindo o fornecimento de transporte e abrigo, pode enfrentar prisão por um período máximo de 15 anos, uma multa de até SR1 milhão (US \$ 267.000), bem como confisco de veículos e propriedades. Suspeitas de violações podem ser relatadas no número gratuito **911** nas regiões de Meca e Riade, e **999** ou **996** em outras regiões do Reino. **Fonte-Arab News.**

Líder do Senegal promete "governo de compromisso" com mudança de gabinete



O primeiro-ministro do Senegal, Ousmane Sonko, observa durante uma reunião com o primeiro-ministro da Costa do Marfim, Beugre Robert Manbe (não visto), em 30 de maio de 2025, no gabinete do primeiro-ministro da Costa do Marfim em Abidjan.

O governo do Senegal substituiu os ministros da Justiça e do Interior em uma reformulação do gabinete, prometendo um "governo de compromisso e combate" enquanto o país tenta reviver a sua economia. A remodelação, anunciada na televisão na noite de ontem, sábado, ocorre em meio a sinais de tensão entre o presidente Bassirou Diomaye Faye e seu primeiro-ministro, Ousmane Sonko.

Ambos prometeram mudanças desde que assumiram o cargo no ano passado, alegando má gestão do governo anterior do presidente Macky Sall. Mas os críticos dizem que eles não agiram rápido o suficiente para restaurar a confiança no governo e combater a enorme dívida pública e a pobreza no país da África Ocidental. "Este não será um governo de aldeia, mas um governo de compromisso e combate. Trabalhando 24 horas por dia, sete dias por semana, dada a situação que herdamos", disse Sonko à televisão pública.

Yassine Fall, ex-ministro das Relações Exteriores, assumirá o cargo de ministro da Justiça de Ousmane Diagne, um juiz amplamente considerado independente, que ingressou no gabinete logo após a eleição de Faye.

Sonko disse que a tarefa de Fall era "reconciliar-se com os senegaleses e reconquistar sua confiança". Os críticos acusaram as autoridades de se moverem muito lentamente nas investigações de supostos crimes sob Sall, incluindo repressões violentas aos protestos da oposição a partir de 2021, que resultaram na morte de dezenas de pessoas.

Cheikh Niang, ex-embaixador, assumirá o cargo de ministro das Relações Exteriores, enquanto Bamba Cisse, advogado de Sonko, se tornará ministro do Interior.

Sonko revelou em agosto um plano de recuperação econômica baseado em uma mudança em direção a um maior financiamento doméstico para arrecadar dinheiro e reduzir dívidas. O país está lutando com uma taxa de desemprego de cerca de 20% e 36% da população vive na pobreza, de acordo com dados do governo. **Fonte-AFP.**

Egipto diz que descrever deslocamento de palestinos como voluntário é "absurdo"



Israel pediu anteriormente aos moradores da Cidade de Gaza que partissem para o sul, à medida que suas forças avançam mais profundamente na maior área urbana do enclave.

O ministro das Relações Exteriores do Egito, Badr Abdelatty, disse ontem sábado que descrever o deslocamento de palestinos como voluntário é "absurdo". Israel pediu anteriormente aos moradores da Cidade de Gaza que partissem para o sul, à medida que suas forças avançam mais profundamente na maior área urbana do enclave. O Exército israelense disse ontem sábado aos moradores da Cidade de Gaza que fugissem para uma "zona humanitária" no sul, antes de uma ofensiva planejada para capturar o maior centro urbano do território.

Os militares não deram um cronograma para o ataque e indicaram anteriormente que não seria anunciado com antecedência para manter o elemento surpresa. "Aproveite esta oportunidade para se mudar mais cedo para a zona humanitária (Al-Mawasi) e se juntar às milhares de pessoas que já foram para lá", disse o porta-voz militar Avichay Adraee nas redes sociais. O exército disse separadamente que Al-Mawasi, na costa sul de Gaza, tem "hospitais de campanha, tubulações de água e instalações de dessalinização, além do fornecimento contínuo de alimentos, tendas, remédios e equipamentos médicos". Ele disse que os esforços de socorro "continuarão em uma base contínua em cooperação com a ONU e organizações internacionais, em paralelo com a expansão da operação terrestre".

Israel declarou Al-Mawasi uma zona segura no início da guerra, mas realizou repetidos ataques desde então, dizendo que tinha como alvo combatentes do Hamas escondidos entre civis. "Mas em todos os lugares de Gaza há bombardeios e mortes. No último ano e meio, os piores bombardeios que causaram massacres de civis ocorreram em Al-Mawasi, a chamada zona humanitária", acrescentou. "Não faz mais diferença para nós", disse sua filha Samia Mushtaha, 20 anos. "Onde quer que vamos, a morte nos persegue, seja por bombardeio ou fome."

- EUA em 'negociação profunda' -

O apelo dos militares para que as pessoas deixem o país ocorre no momento em que intensificam suas operações na Cidade de Gaza, apesar da crescente pressão doméstica e internacional para encerrar o conflito de quase dois anos. O Hamas concordou no mês

passado com uma proposta de cessar-fogo temporário e libertações de reféns escalonadas, mas Israel exigiu que o grupo militante libertasse todos os reféns de uma vez, desarmasse e renunciasse ao controle de Gaza, entre outras condições.

Na passada sexta-feira, o presidente Donald Trump disse que os Estados Unidos estavam conversando com o Hamas sobre os cativos mantidos em Gaza. "Estamos em negociações muito profundas com o Hamas", disse Trump a repórteres no Salão Oval.

- 'Desastre' -

A ONU estima que quase um milhão de pessoas permanecem dentro e ao redor da Cidade de Gaza, onde declarou fome no mês passado. Ele alertou para um "desastre" iminente se o ataque prosseguir. Israel disse que espera que a ofensiva desloque um milhão de pessoas mais ao sul. **Fonte-Reuters.**

Colapso em mina de ouro no Sudão mata seis pessoas



Seis pessoas morreram e teme-se que outras 20 fiquem presas depois que uma mina de ouro desabou no norte do Sudão, disseram ontem sábado as autoridades.

Seis pessoas morreram e teme-se que outras 20 estejam presas depois que uma mina de ouro desabou no norte do Sudão, disseram ontem sábado as autoridades. O acidente ocorreu na passada sexta-feira na área de Um Aud, a oeste da cidade de Berber, no estado do rio Nilo, disse Hassan Ibrahim Karar, director executivo da localidade. "Esforços estão em andamento para resgatar aqueles presos sob os escombros", disse Karar, sem especificar a causa do colapso da mina artesanal.

Desde que os combates eclodiram em abril de 2023 entre o exército e as Forças de Apoio Rápido paramilitares, ambos os lados financiaram amplamente seus esforços de guerra por meio da indústria de ouro do país. Apesar do conflito, o governo apoiado pelo exército anunciou uma produção recorde de ouro de 64 toneladas para 2024. O Sudão, o terceiro maior país de África em área, continua sendo um dos principais produtores de ouro do continente. No entanto, a maior parte do ouro é extraída por meio de operações de mineração artesanal e de pequena escala, que carecem de medidas de segurança adequadas e muitas vezes usam produtos químicos perigosos, resultando em graves riscos à saúde dos mineiros e comunidades próximas. Antes da guerra deslocar 25 milhões de sudaneses para uma insegurança alimentar aguda, a mineração artesanal empregava mais de dois milhões de pessoas, de acordo com dados da indústria. Hoje, especialistas em mineração dizem que grande parte do ouro produzido por ambas as facções em guerra é contrabandeado através do Chade, Sudão do Sul e Egito. **Fonte-Reuters.**

Reexportações não petrolíferas do Bahrein aumentam 3% em julho, lideradas pelos Emirados Árabes Unidos



Os principais itens reexportados incluíram veículos com tracção nas quatro rodas avaliados em 7 milhões de dinares, peças de turbinas a gás em 4,8 milhões de dinares e motores de turbina a jato em 4,5 milhões de dinares.

As reexportações não petrolíferas do Bahrein cresceram 3% ano a ano em julho, para 63 milhões de dinares do Bahrein (US \$ 166 milhões), impulsionadas pela forte demanda dos Emirados Árabes Unidos, que representaram 35% do total. O Reino da Arábia Saudita seguiu com 21% e a Singapura com 13%, de acordo com dados da Autoridade de Informação e Governo Electrónico citados pela Agência de Notícias do Bahrein. Os principais itens reexportados incluíram veículos com tracção nas quatro rodas avaliados em 7 milhões de dinares, peças de turbinas a gás em 4,8 milhões de dinares e motores de turbina a jato em 4,5 milhões de dinares.

Os analistas observam que o sector de logística em expansão do Bahrein, juntamente com sua localização estratégica, continua a apoiar o crescimento da actividade de reexportação. Embora as exportações não petrolíferas de origem nacional tenham caído ligeiramente 1%, para 333 milhões de dinares em julho, as perspectivas comerciais do país permanecem positivas. O Reino da Arábia Saudita liderou como o principal destino das exportações nacionais com 24%, seguida pelos EUA com 12% e os Emirados Árabes Unidos com 9%. As ligas de alumínio bruto lideraram a lista de exportações nacionais com 93 milhões de dinares (28%), seguidas por minérios de ferro aglomerados e concentrados com 44 milhões de dinares (13%) e fios de alumínio não ligados com 19 milhões de dinares (6%). As importações cresceram 17%, para 544 milhões de dinares, lideradas pela China (13%), Brasil (10%) e Austrália (9%). Os produtos mais importados incluíram minérios e concentrados de ferro não aglomerados, óxido de alumínio e peças de motores para aeronaves. Apesar de um déficit comercial de 148 milhões de dinares em julho, acima dos 66 milhões do ano anterior, a economia do Bahrein está pronta para crescer. **Fonte-Reuters.**

Emirados Árabes Unidos, Jordânia e o Parlamento Árabe condenam pedidos israelenses de deslocamento de palestinos

Os Emirados Árabes Unidos e o Parlamento árabe condenaram veementemente ontem sábado os comentários do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, sugerindo que os palestinos em Gaza deveriam ser autorizados a sair voluntariamente, alertando que tais comentários equivalem a uma violação do direito internacional e ameaçam a estabilidade regional. Israel pediu ontem sábado aos moradores da Cidade de Gaza que deixem o país enquanto suas forças avançam mais profundamente na maior

área urbana do enclave. O exército israelense disse às pessoas para fugirem para uma "zona humanitária" no sul antes de uma ofensiva planejada para ocupar o centro urbano.

Em um comunicado, o Ministério das Relações Exteriores dos Emirados Árabes Unidos reafirmou o apoio do país aos esforços do Egito para apoiar o povo palestino, evitar o deslocamento e pressionar por um cessar-fogo imediato. O ministério descreveu os comentários de Netanyahu como "uma continuação perigosa das políticas de ocupação" e enfatizou que qualquer tentativa de arrancar os palestinos de suas terras constitui "uma violação flagrante do direito internacional e das resoluções das Nações Unidas".

Os Emirados Árabes Unidos reiteraram a sua rejeição categórica ao deslocamento forçado ou a qualquer tentativa de minar a causa palestina, afirmando que defender os direitos palestinos é uma obrigação moral, humanitária e legal. Enfatizou também que a estabilidade duradoura na região depende de uma solução de dois Estados e do estabelecimento de um Estado palestino independente e soberano.

A Jordânia também reafirmou sua posição, com o ministro da Comunicação do Governo, Mohammed Momani, dizendo que o Reino está com uma frente árabe unida na rejeição do deslocamento. Ele descreveu a agressão de extrema direita de Israel como uma violação do direito internacional e dos direitos humanos, chamando o deslocamento forçado de crime de guerra e enfatizou que os palestinos têm o direito inalienável à autodeterminação e à soberania.

Separadamente, o presidente do Parlamento árabe, Mohammed bin Ahmed Al-Yamahi, condenou os comentários de Netanyahu como parte de uma política de longa data de "limpeza étnica e deslocamento forçado" pelas autoridades de ocupação. Ele disse que tal retórica equivale a crimes de guerra que "não caem com o tempo" e representam "uma ameaça directa à paz e segurança internacionais".

Al-Yamahi reiterou a rejeição do Parlamento Árabe a qualquer tentativa de deslocamento em Gaza, na Cisjordânia ou em qualquer outro lugar do território palestino ocupado. Todos os três condenaram qualquer tentativa de minar a causa palestina e pediram à comunidade internacional e aos órgãos da ONU que hajam para deter as violações, proteger os palestinos e apoiar seu direito a um Estado independente e soberano. **Fonte-Reuters.**

Hezbollah diz que movimento do Líbano em plano militar é 'oportunidade' e pede a Israel que se comprometa com cessar-fogo

O funcionário do Hezbollah, Mahmoud Qmati, disse à Reuters ontem sábado que o grupo considerou a sessão de gabinete da passada sexta-feira sobre um plano do Exército para estabelecer um monopólio estatal de armas "uma oportunidade de retornar à sabedoria e à razão".

O gabinete do Líbano saudou na passada sexta-feira um plano do Exército que desarmaria o Hezbollah e disse que os militares começariam a executá-lo, sem estabelecer um prazo para a implementação e alertando que o Exército tinha capacidades limitadas. Mas disse que as contínuas operações militares israelenses no

Líbano dificultariam o progresso do exército. Falando a repórteres após a reunião, o ministro da Informação libanês, Paul Morcos, não chegou a dizer que o gabinete havia aprovado formalmente o plano.

Qmati disse à Reuters que o Hezbollah chegou à sua avaliação com base na declaração do governo da passada sexta-feira de que a implementação de um roteiro dos EUA sobre o assunto dependia do compromisso de Israel. Ele disse que, sem Israel interromper os ataques e retirar suas tropas do sul do Líbano, a implementação do plano no Líbano deve permanecer "suspensa até novo aviso". No mês passado, o gabinete do Líbano encarregou o Exército de apresentar um plano que estabeleceria um monopólio estatal de armas e aprovou um roteiro dos EUA destinado a desarmar o Hezbollah em troca da suspensão das operações militares israelenses no Líbano.

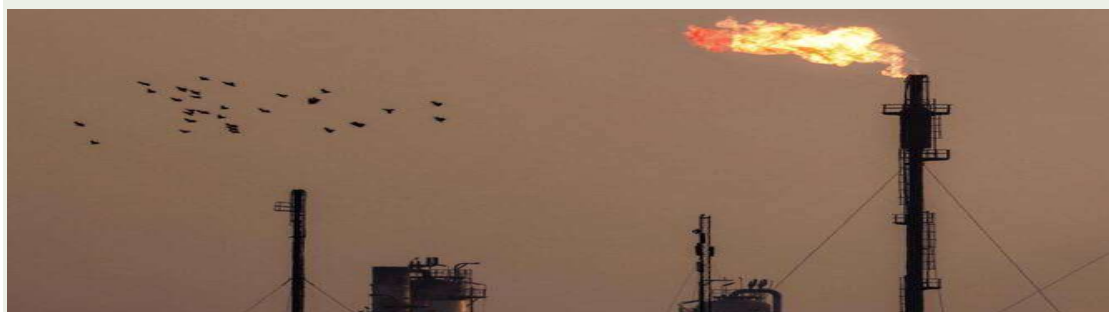
Qmati disse que o Hezbollah "rejeitou inequivocamente" essas duas decisões e espera que o governo libanês elabore uma estratégia de defesa nacional.

Israel sinalizou na semana passada que reduziria sua presença militar no sul do Líbano se o Exército tomasse medidas para desarmar o Hezbollah. Enquanto isso, continuou seus ataques, matando quatro pessoas na passada quarta-feira. Uma divisão nacional sobre o desarmamento do Hezbollah assumiu o centro das atenções no Líbano desde a guerra devastadora do ano passado com Israel, que derrubou um equilíbrio de poder há muito dominado pelo grupo muçulmano xiita apoiado pelo Irão.

O Líbano está sob pressão dos EUA, Reino da Arábia Saudita e rivais domésticos do Hezbollah para desarmar o grupo. Mas o Hezbollah recuou, dizendo que seria um sério passo em falso discutir o desarmamento enquanto Israel continua seus ataques aéreos no Líbano e ocupa faixas de território no sul.

O secretário-geral do Hezbollah, Naim Qassem, levantou no mês passado o espectro da guerra civil, alertando o governo contra a tentativa de confrontar o grupo e dizendo que protestos de rua eram possíveis. **Fonte-Reuters.**

O primeiro-ministro do Iraque diz que espera que os produtores reconsiderem a cota de exportação de petróleo



Sudani apelou publicamente por uma revisão da cota de produção do Iraque no final de 2022.

O Iraque espera que outros produtores reconsiderem a sua cota de exportação de petróleo para reflectir melhor a sua capacidade de produção, disse ontem sábado o primeiro-ministro Mohammed Shia Al-Sudani, um dia antes de uma reunião da Opep+ em um raro comentário público de um alto funcionário iraquiano.

O Iraque, o maior superprodutor do grupo, está sob pressão da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) para cortar a produção para compensar por ter produzido mais do que o volume acordado. Está entre os países que apresentaram planos em abril para fazer mais cortes na produção de petróleo para compensar o bombeamento acima das cotas acordadas. As exportações de petróleo do Iraque foram em média de 3,38 milhões de barris por dia em agosto, de acordo com o Ministério dos Petróleos. As exportações médias de petróleo de setembro devem ficar entre 3,4 milhões de bpd e 3,45 milhões, disse ontem sábado o chefe da petrolífera estatal SOMO. A Opep conta os fluxos de petróleo do Curdistão como parte da cota do Iraque.

Nos últimos dois anos, o Iraque assinou acordos com grandes petrolíferas que já haviam se retirado do país, incluindo a Chevron, a francesa TotalEnergies e a petrolífera britânica BP. **Fonte-Reuters.**

Bloco árabe diz que não há paz sem fim para acções "hostis" de Israel



A Liga Árabe disse que a coexistência pacífica no Médio Oriente não pode ser alcançada sem um Estado palestino e o fim do que descreveu como "práticas hostis" de Israel.

A Liga Árabe disse que a coexistência pacífica no Médio Oriente não pode ser alcançada sem um Estado palestino e o fim do que descreveu como "práticas hostis" de Israel. Em uma resolução apresentada pelo Egito e pelo Reino da Arábia Saudita e adoptada na passada quinta-feira, a Liga disse que "o fracasso em alcançar uma solução justa para a causa palestina e as práticas hostis da potência ocupante" continuam sendo os principais obstáculos à "coexistência pacífica" na região.

A resolução fez parte de uma reunião mais ampla no Cairo, onde os ministros das Relações Exteriores endossaram uma "Visão Conjunta para Segurança e Cooperação na Região". A reunião ocorreu quando as forças israelenses intensificaram sua ofensiva militar em torno da Cidade de Gaza - o maior centro urbano do território - e dias depois que o ministro das Finanças de extrema-direita de Israel, Bezalel Smotrich, pediu a anexação de faixas da Cisjordânia para "enterrar a ideia de um Estado palestino".

Na resolução, cuja cópia foi obtida pela AFP, o bloco árabe disse que a paz, a cooperação e a coexistência duradouras no Médio Oriente não são possíveis enquanto Israel continuar a ocupar terras árabes ou "emitir ameaças implícitas de ocupar ou anexar mais terras árabes". Egito e Jordânia assinaram tratados de paz com Israel.

Os Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Marrocos normalizaram as relações com Israel em 2020 sob os Acordos de Abraão mediados pelos EUA. Em sua resolução, a Liga disse que qualquer acordo duradouro deve ser baseado em uma solução de dois Estados

e na Iniciativa de Paz Árabe de 2002, que oferece uma normalização completa das relações em troca de uma retirada israelense completa dos territórios ocupados em 1967. O Egito disse na passada sexta-feira que "não há espaço para permitir que qualquer parte domine a região ou imponha acordos de segurança unilaterais que comprometam sua segurança e estabilidade". **Fonte AFP.**

Ministério da Justiça palestino condena sanções dos EUA a grupos de direitos humanos



O Ministério da Justiça palestino denunciou ontem sábado os EUA por imporem sanções a três importantes organizações palestinas de direitos humanos.

O Ministério da Justiça palestino denunciou ontem sábado os EUA por imporem sanções a três importantes organizações palestinas de direitos humanos, informou a agência de notícias Wafa.

O governo dos EUA anunciou medidas na passada quinta-feira contra o Centro Palestino de Direitos Humanos, o Centro Al Mezan de Direitos Humanos em Gaza e a Al-Haq, provocando o que o ministério descreveu como "um ataque perigoso e inaceitável" à sociedade civil palestina. Ele disse em um comunicado que os grupos documentaram violações cometidas pela ocupação israelense contra palestinos, suas terras e locais sagrados, e operaram de acordo com o direito internacional e os padrões humanitários. O ministério expressou total apoio às organizações sancionadas e instou Washington a reverter sua decisão. Também pediu à comunidade internacional e aos órgãos da ONU que intervenham "para proteger o povo palestino e suas instituições". **Fonte-Arab News.**

Cabos submarinos cortados no Mar Vermelho, interrompendo o acesso à Internet na Ásia e no Médio Oriente

Cortes de cabos submarinos no Mar Vermelho interromperam o acesso à Internet em partes da Ásia e do Médio Oriente, disseram especialistas hoje domingo, embora não tenha ficado imediatamente claro o que causou o incidente.

Tem havido preocupação com os telegramas sendo alvo de uma campanha no Mar Vermelho pelos rebeldes houthis do Iêmen, que os rebeldes descrevem como um esforço para pressionar Israel a encerrar sua guerra contra o Hamas na Faixa de Gaza. Mas os houthis negaram ter atacado as linhas no passado. Os cabos submarinos são uma das espinhas dorsais da Internet, juntamente com as conexões via satélite e os cabos terrestres. Normalmente, os provedores de serviços de Internet têm vários

pontos de acesso e redirecionam o tráfego se um falhar, embora isso possa retardar o acesso para os usuários.

A NetBlocks, que monitora o acesso à Internet, disse que "uma série de interrupções de cabos submarinos no Mar Vermelho degradou a conectividade com a Internet em vários países", que incluiu Índia e Paquistão. Ele culpou "falhas que afetam os sistemas de cabos SMW4 e IMEWE perto de Jeddah, no Reino da Arábia Saudita".

O cabo do Sudeste Asiático- Médio Oriente-Europa Ocidental 4 é operado pela Tata Communications, parte do conglomerado indiano. O cabo Índia-Médio Oriente-Europa Ocidental é operado por outro consórcio supervisionado pela Alcatel-Lucent. Nenhuma das empresas respondeu imediatamente aos pedidos de comentários.

A Pakistan Telecommunications Co. Ltd., uma gigante das telecomunicações naquele país, observou ontem sábado em um comunicado que os cortes ocorreram.

O Reino da Arábia Saudita não reconheceu imediatamente a interrupção e as autoridades não responderam a um pedido de comentário.

Nos Emirados Árabes Unidos, onde ficam Dubai e Abu Dhabi, os usuários de Internet nas redes estatais Du e Etisalat do país reclamaram de velocidades de Internet mais lentas. O governo não reconheceu imediatamente a interrupção.

Os cabos submarinos podem ser cortados por âncoras lançadas de navios, mas também podem ser alvo de ataques. O corte das linhas ocorre enquanto os rebeldes houthis do Iêmen permanecem presos em uma série de ataques contra Israel por causa da guerra Israel-Hamas na Faixa de Gaza. Israel respondeu com ataques aéreos, incluindo um que matou os principais líderes do movimento rebelde.

No início de 2024, o governo internacionalmente reconhecido do Iêmen no exílio alegou que os houthis planejavam atacar cabos submarinos no Mar Vermelho. Vários foram cortados, mas os houthis negaram. Na manhã de hoje domingo, o canal de notícias por satélite Al-Masirah, dos houthis, reconheceu que os cortes ocorreram, citando o NetBlocks.

De novembro de 2023 a dezembro de 2024, os houthis atacaram mais de 100 navios com mísseis e drones durante a guerra Israel-Hamas na Faixa de Gaza. Em sua campanha até agora, os houthis afundaram quatro navios e mataram pelo menos oito marinheiros. Os houthis, apoiados pelo Irão, interromperam seus ataques durante um breve cessar-fogo. Mais tarde, eles se tornaram alvos de uma intensa campanha de ataques aéreos de uma semana ordenada pelo presidente dos EUA, Donald Trump, antes de declarar que um cessar-fogo havia sido alcançado com os rebeldes. Os houthis afundaram dois navios em julho, matando pelo menos quatro a bordo, com outros que se acredita estarem em poder dos rebeldes. Os novos ataques dos houthis ocorrem no momento em que um novo possível cessar-fogo na guerra Israel-Hamas permanece em jogo. Enquanto isso, o futuro das negociações entre os EUA e o Irão sobre o programa nuclear de Teerão está em questão depois que Israel lançou uma guerra de 12 dias contra a República Islâmica, na qual os americanos bombardearam três instalações atômicas iranianas. **Fonte-Reuters.**

A Argélia tornou-se o principal executor da fronteira sul da Europa



HAFED AL-GHWEL

06 de setembro de 2025



A Argélia passou por uma transformação radical em um dos principais executores da fronteira sul da Europa.

A dinâmica migratória entre a Argélia e a Espanha é uma convergência brutal de barganha geopolítica, controles de fronteira externalizados e desespero humano. Outrora campeã da solidariedade pan-africana, a Argélia passou por uma transformação radical em um dos principais executores da fronteira sul da Europa, detendo e expulsando mais de 31.000 pessoas para o Níger somente em 2024 por meio de uma rede de locais formais e informais antes de abandoná-los na fronteira sem sustento. Não se trata de uma mera mudança de política, mas de um alinhamento estratégico calculado, impulsionado pela pressão europeia e pela conveniência política interna, evidenciada por sua nova cooperação com a Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira Frontex, a Organização Internacional para as Migrações e a Itália em treinamento policial e gestão de fronteiras.

As consequências são uma catástrofe humanitária caracterizada por rotas marítimas letais – um recorde de 11.455 argelinos arriscaram a viagem por mar para a Espanha em um único ano, um número que desde então aumentou drasticamente – e o abandono no deserto, com crianças, mulheres e homens forçados a marchar quilômetros até a aldeia mais próxima. Essa crise fabricada, alimentada pelo uso da migração pela Argélia como uma "moeda de troca" com o norte global, cria um ciclo de exploração e instabilidade para os migrantes que sobrevivem à jornada, reduzindo os seres humanos a meros instrumentos em uma transação de poder entre continentes.

O custo humano desse corredor manufaturado é impressionante e deliberadamente obscurecido. As 225 mortes documentadas na rota do Mediterrâneo Central e 123 na rota do Mediterrâneo Ocidental apenas nos primeiros meses de 2025 são resultado directo de escolhas políticas deliberadas. Actualmente, a taxa de aumento das fatalidades deve ultrapassar o recorde sombrio do ano anterior de mais de 500. É pura carnificina financiada e financiando uma economia sofisticada e mercenária onde o desespero é a única mercadoria. Os migrantes são frequentemente coagidos a hipotecar

seu futuro por até € 10.000 (US \$ 11.721) - uma soma de mais de 32 vezes o salário médio mensal argelino - para uma passagem só de ida em uma armadilha mortal superlotada, financiando redes criminosas que investem milhões em logística e barcos de alta velocidade.

Enquanto isso, a contribuição do Estado argelino para essa economia de crueldade não é a intervenção, mas a predação, criminalizando o próprio acto de fugir com penas de prisão de dois a seis meses e multas sob um código penal que perversamente equipara a busca de um futuro a um acto criminoso. Toda a arquitectura – desde a taxa do contrabandista até a multa do estado – é construída sobre a monetização sistemática do desespero, um ciclo fechado onde todos os actores lucram com o ciclo de movimento e repressão, excepto o ser humano em seu centro.

Na interceptação ou chegada, a provação do migrante é transformada em vez de encerrada.

O sistema de recepção da Espanha opera em um estado de abdicação ou disfunção deliberada, cronicamente subfinanciado e terceirizado para ONGs que lutam para atender às necessidades de milhares com o mínimo de apoio estatal. Para os 4.119 argelinos que chegaram no primeiro semestre de 2025, existe um indulto temporário não por design, mas por ruptura diplomática; a suspensão de 2022 do tratado de amizade Espanha-Argélia neutralizou efectivamente um protocolo de readmissão funcional, deixando Madrid capaz de emitir 9.995 ordens para os argelinos deixarem o país, mas politicamente incapaz de executá-las.

No entanto, a liminaridade forçada não é protecção, mas miséria sancionada pelo Estado, canalizando indivíduos para uma economia de exploração onde os contratos prometem € 1.300, mas entregam € 800, com os empregadores extorquindo taxas diárias adicionais simplesmente pelo transporte para onde seu trabalho é necessário. Esse sistema patrocinado pelo Estado é reforçado pelo constante assédio policial e pelo crescente espectro do vigilantismo de extrema-direita, onde grupos ligados a partidos políticos como o Vox organizam patrulhas contra os norte-africanos, transformando cidades como Múrcia em teatros de tensão social onde jovens argelinos podem ser agredidos impunemente e contados, mesmo por um cidadão espanhol sem-tecto, para entender seu lugar.

O papel do Estado argelino é particularmente preocupante. Internamente, realiza uma pantomima de controle para o público europeu, empunhando a Lei 09-01 para prender seus próprios cidadãos pelo "crime" de buscar um futuro, condenando-os a meses de detenção e multas de até € 430 pelo acto de partida - uma estrutura legislativa promulgada em 2009 sob pressão directa da UE. Essa repressão interna é apenas o prelúdio de sua brutalidade externalizada. Além de suas fronteiras, a Argélia industrializou o descarte humano, aperfeiçoando a prática de "lixões no deserto", onde mais de 31.400 pessoas em 2024 e mais 2.222 em apenas 21 dias em abril deste ano foram transportadas em comboios não oficiais para a fronteira com a Nigéria e abandonadas no "ponto zero" sem comida, água ou abrigo, forçando uma marcha de 15 km pelo deserto até Assamaka.

Está longe de ser uma gestão eficaz das fronteiras, mas uma política deliberada de desidratação e exposição, um facto tão sistematizado que a Organização Internacional

para as Migrações e as autoridades nigerianas foram obrigadas a erguer placas de sinalização ao longo da rota. Isso forma um elo em um corredor de "deportação em cadeia", uma máquina de repressão regionalmente integrada onde os migrantes são primeiro apreendidos na Tunísia, violentamente empurrados para a Argélia, detidos novamente e depois transportados para o sul para expulsão – tudo coordenado por meio de cúpulas de alto nível e reuniões de ministros do interior com a Itália. A Argélia mercantilizou assim sua soberania, transformando seu território em uma zona de trânsito para o sofrimento sancionado pelo Estado e usando os próprios corpos dos despossuídos como sua principal moeda de troca nas relações com o norte global.

Uma contradição fundamental reside no fechamento absoluto das vias legais. Os cidadãos argelinos enfrentam as maiores taxas de recusa de visto no espaço Schengen, com 34% dos pedidos rejeitados em 2024. Essa política, projectada pela Europa, canaliza deliberadamente a migração para canais irregulares, garantindo um suprimento constante de pessoas a serem interceptadas, criminalizadas e usadas como moeda de troca. A UE evita o financiamento directo para Argel, em vez disso, canaliza recursos por meio de agências internacionais para treinamento e "capacitação", mantendo assim um verniz de negação enquanto financia a arquitectura da repressão.

O resultado é uma crise perfeitamente projectada. A Europa alcança seu objectivo político de reduzir as chegadas terceirizando a violência. A Argélia aproveita sua fiscalização de fronteiras para acordos de cooperação diplomática e policial. Enquanto isso, o migrante é pego em um ciclo: fugindo do desemprego que afecta oficialmente 29,3% dos jovens argelinos, arriscando a morte no mar, sobrevivendo à exploração na Espanha e enfrentando a ameaça constante de uma expulsão violenta de volta aos próprios desertos que atravessou.

Este sistema não é um fracasso de política, mas um sucesso de design - um design onde a vida humana é a variável mais barata no cálculo frio de dinheiro, poder e fronteiras.

Hafed Al-Ghwell é membro sênior e director de programa do Stimson Center em Washington DC e membro sênior do Centro de Estudos Humanitários e de Conflitos. X: @HafedAlGhwell

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**

Preservar e valorizar as conquistas
alcançadas, construindo um futuro melhor